

autor de A CABANA, 4,5 milhões de livros vendidos no Brasil

WILLIAM P.  
YOUNG

Eva



EVA



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

ESTA HISTÓRIA É DEDICADA À MINHA IRMÃ DEBBIE.  
Serei eternamente grato pelo privilégio  
de ser seu irmão.

# 1



## ENCONTRADA

Recostado numa árvore, com os pés enterrados na areia fria, John, o Catalogador, se deixava levar pelo fluxo de suas orações matinais. Diante dele, o oceano ondulante se estendia até desaparecer no horizonte, mesclando-se ao céu límpido, cor de cobalto.

De repente, a fragrância salgada do mar foi substituída pelo cheiro de eucalipto, mirra e flores silvestres. John sorriu. Ela sempre fazia isso ao chegar. Resistindo à tentação de correr para os seus braços, ele apenas baixou a cabeça e respirou fundo. Havia tempos que não se encontravam.

A mulher negra, magra e alta aceitou o convite silencioso e sentou-se ao lado dele, despenteando com a mão os cabelos grisalhos do homem com a ternura que uma mãe dedicaria ao filho. O toque brincalhão espalhou uma sensação de paz pelos seus ombros, aliviando o peso do fardo que ele carregava sem perceber.

John poderia ficar assim por um bom tempo, mas aprendera que as visitas dela tinham sempre um propósito. Durante alguns instantes, ele conteve a própria curiosidade e simplesmente ficou ali, aproveitando o prazer sereno da companhia dela.

– Mãe Eva?

– John.

Mesmo sem olhar, John soube que ela estava sorrindo. Ancestral e poderosa, aquela mulher irradiava uma alegria quase infantil. Com um dos braços, ela o puxou para si e deu um beijo delicado em sua testa.

– Você está aqui há... – começou ela.

– Cem anos, hoje – concluiu John. – Se esse é o motivo da sua vinda, fico grato.

– Em parte, sim – disse Eva. – Cem anos é sempre motivo de comemoração.

Ele se pôs de pé e limpou a areia do corpo antes de ajudar Eva a se levantar também. Ela agradeceu com educação, embora não fosse necessário. Seus cabelos brancos e crespos se entrelaçavam como uma coroa em volta do rosto repleto de vincos deixados pelos incontáveis anos.

As perguntas de John ameaçaram se espalhar por todas as direções, mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela ergueu a mão para detê-lo.

– John, uma boa pergunta vale mais do que mil respostas – disse ela. – Escolha com sabedoria.

Ele precisou de apenas um instante para formulá-la.

– Quanto tempo mais? – perguntou, em tom grave. – Por quanto tempo mais precisaremos esperar até o fim, até que nossa cura esteja finalmente concluída?

– Muito menos do que quando eu mesma fiz essa pergunta pela primeira vez.

John respirou fundo e assentiu, fitando seus olhos faiscantes.

– Vim aqui para lhe falar sobre hoje, John. Hoje minha criança vai nascer no seu mundo.

John franziu as sobrancelhas, confuso.

– Sua criança? Mas, Mãe Eva, não somos todos seus filhos?

– Sim, são – afirmou ela. – Mas haverá uma em especial que se erguerá para representar a todos nós: aquela que recebeu a promessa da semente, aquela cuja semente esmagará a cabeça da serpente, e aquela à qual a semente se unirá para sempre. A Mãe, a Filha e a Noiva. A chegada desta menina marcará o início do fim.

Ele ficou tão surpreso que mal notou quando Eva apanhou uma pedra e começou a caminhar em direção à beira da água. John se pôs a segui-la, ainda desorientado. Ela lançou a pedra bem alto no ar e os dois a observaram cair no mar quase sem fazer barulho.

– John – disse Eva –, a ondulação causada por uma única pedra é capaz de mudar o oceano do Universo para sempre.

John deixou que as pequenas ondas lambessem seus pés e puxassem a areia debaixo deles. Estar perto de Eva era ao mesmo tempo revigorante e perturbador.

Uma voz estridente cortou o ar.

– Você está enrolando, John.

Ele se virou. Uma brisa vinda do mar levantou seus cabelos, enquanto o perfume de Eva preenchia pela última vez os seus pulmões.

Letty tinha chegado e Eva havia partido. John suspirou.

– Os Catadores o estão chamando há mais de uma hora! Como você é o único Catalogador em um raio de 150 quilômetros...

Virando-se para a água novamente, John escolheu uma pedra lisa e a jogou bem alto no ar, tentando fazê-la cair na água sem som, como fizera Eva.

– Por que essa pressa? – resmungou, enquanto Letty se aproximava. Ele apanhou outra pedra.

Letty era uma velha baixinha e atarracada, que mal chegava a 1 metro de altura. Parecia uma maçã esquecida debaixo do sol quente: ainda redonda, mas toda enrugada, com os olhos negros penetrantes, o nariz adunco, a carranca quase toda desdentada, um par de meias desencontradas e sapatos que também não combinavam. Apoiava-se em uma espécie de cajado, que agora estava apontado diretamente para ele.

Quando notou a intensidade do olhar da velha, John deixou a pedra cair na areia.

– Letty?

As palavras dela foram escolhidas com cuidado.

– Um grande contêiner de metal foi visto flutuando no mar hoje cedo. Nós o puxamos para a areia e o abrimos. Os Sábios afirmaram que ele veio da Terra.

– Não é a primeira vez que isso acontece – comentou John.

– Lá dentro havia os restos mortais de doze seres humanos, todos jovens do sexo feminino. Com exceção de um.

– Meu Deus – balbuciou John, ao mesmo tempo em tom de prece e exclamação.

– O contêiner parece ter sido usado para transportar pessoas por longas distâncias, provavelmente em algum tipo de embarcação. Mas como nenhum destroço foi visto junto com ele, suspeitamos que tenha sido lançado ao mar propositalmente, depois que as pobres meninas foram... executadas. – A voz dela fraquejou de emoção.

John sentou-se na areia, puxando os joelhos para perto do queixo. A beleza do dia agora parecia uma piada de mau gosto. A alegria que Eva inspirava partira junto com ela.

Ele sentiu a pequena mão de Letty pousar sobre seu ombro enquanto lutava contra a onda crescente de fúria e pesar.

– John, não podemos permitir que a doença da sombra se aloje em nosso coração. Temos o direito de nos enfurecer, mas não devemos nos afastar do abraço da alegria, que está além da nossa compreensão. Ser capaz de sentir tudo isso significa que estamos vivos.

Ele assentiu.

– Você disse que os humanos eram do sexo feminino, com exceção de um deles?

– Sim. Havia também um homem de meia-idade. A princípio, supomos que ele tenha tentado proteger as meninas. Estou certa de que há uma história por trás disso, mas provavelmente só o tempo nos permitirá desvendá-la por completo.

– Eu não quero ver...

– Não se preocupe. Os corpos já foram levados para o Santuário das Lamentações e estão sendo preparados para a cerimônia do fogo, amanhã. Neste momento, precisamos que você faça só o que pode fazer, para que os Catadores possam terminar seu trabalho e os Artistas consigam encontrar uma maneira de preservar a memória dessas crianças.

John fechou os olhos e voltou o rosto para o céu, desejando que a conversa com Eva não tivesse sido interrompida por um motivo tão cruel.

– Vá – incentivou-o Letty. – Os outros estão esperando.



John ficou surpreso com o tamanho do contêiner. Ele tinha pelo menos 9 metros de comprimento e era tão pesado que os Puxadores precisaram de uma dúzia de animais para tirá-lo da água, usando uma esteira de troncos giratórios. A caixa imensa havia deixado sulcos profundos na areia da enseada. O que havia dentro dela – roupas, cobertores, brinquedos – estava empilhado sobre as mesas nas tendas ao redor. Estava mais frio ali, como se o próprio sol tivesse virado o rosto para não ver a cena.

Ele tirou um pequeno estojo de um dos bolsos, abriu-o, pegou um anel e colocou-o no dedo. Então girou a borda dele para mudar a marcação. Tudo o que John tocasse com aquele anel seria marcado com uma data e depois



levado para a casa dele, o Refúgio, onde ficaria armazenado para análise e consulta. Do outro bolso, tirou um par de luvas finas e as calçou.

O primeiro item que chamou sua atenção foi um arquivo de três gavetas, preto, fechado a chave. Era frio ao toque. John o marcou e depois chamou uma Artífice, uma mulher com habilidade para manipular trincos e chaves. Ela só precisou de alguns instantes para abrir o gaveteiro. Quando John examinou seu conteúdo, encontrou o que esperava: registros de envio, faturas de despacho marítimo, informações de contabilidade e vários outros relatórios.

A última gaveta guardava documentos com poucos dados pessoais das meninas, inclusive um retrato de rosto de cada uma. Altura, peso, idade, estado de saúde. Os nomes eram obviamente falsos: Argélia, Bolívia, Canadá e assim por diante, até o Líbano. John ficou observando as imagens por alguns instantes. Os olhos naquelas fotos eram janelas para a vida de 12 jovens que mereciam um luto adequado.

John estava prestes a fechar a gaveta e continuar seu trabalho quando um pensamento lhe ocorreu. Ele contou as pastas. Doze, como Letty tinha informado. Mas havia algo errado. A contagem de doze corpos incluía o do homem. Ele tornou a contar. Doze fotos, todas garotas, todas jovens. Isso significava que estava faltando uma. Talvez ela tivesse escapado ou então os registros estivessem incorretos. Fosse como fosse, ele não conseguia tirar aquela discrepância da cabeça.

Será que era de alguma dessas meninas que Eva estava falando?

Seguindo sua intuição, ele andou alguns metros de volta até o contêiner. Em frente à porta havia uma fileira de botas de proteção para os trabalhadores, que depois seriam meticulosamente higienizadas e desinfetadas. Ele escolheu um par que cabia nos seus pés.

Um Engenheiro o cumprimentou.

– Olá, John. Que tragédia, hein?

Ele concordou com a cabeça enquanto amarrava as botas.

– Preciso entrar um instante para confirmar uma informação dos registros. Há algo que eu deva saber antes?

– Não, ainda temos algumas pendências para resolver, mas já retiramos o mais importante.

John assentiu com tristeza, reconhecendo a gentileza do homem.

– Ah, acabamos de desligar a unidade de refrigeração. Ainda está um gelo lá dentro. O ciclo de resfriamento deve ter travado por conta de algum defeito, o que talvez tenha sido uma bênção. Os corpos estavam quase congelados. O chão está bem escorregadio, tome cuidado.

As portas se abriram com facilidade, deixando a luz do sol invadir o contêiner. A iluminação interna piscou e depois acendeu, indicando que havia algum tipo de circuito movido a bateria ainda em funcionamento. John prendeu a respiração ao entrar.

Cerca de um terço do contêiner estava ocupado por itens de grande volume – caixas, tapetes, embalagens –, além de entulhos e lixo, uma bagunça que ele teria que vasculhar em algum momento. Manchas de sangue congelado salpicavam as paredes e o chão daquela tumba de metal. John caminhou com cautela, evitando pisar nos vestígios da tragédia, cada passada reverberando em meio ao silêncio mortal.

Na extremidade oposta, ele avistou a ventoinha de refrigeração parada, uma fina camada de gelo se formando em suas pás. Após correr os olhos à sua volta, quase se convenceu de que não restava nenhum lugar em que uma menina pudesse se esconder.

Então algo estranho chamou sua atenção: uma placa metálica que se projetava cerca de meio metro para fora de uma das paredes. Ele foi até lá e examinou a estrutura de perto. Havia dobradiças na parte de baixo e, quando correu os dedos por cima, encontrou dois fechos grandes. John sabia que, se soltasse os ganchos, a estrutura se abriria para baixo e para fora. Seria um lugar para dormir, como uma tarimba ou algo parecido? Para um guarda, talvez?

Ele hesitou. Depois soprou as mãos e abriu os fechos, que se desprenderam com um barulho surdo. Enquanto baixava a placa de metal, suas mãos arderam por causa do contato com o aço congelado. A placa era pesada, e John teve que apoiá-la no ombro até que as correntes dos dois lados se desenrolassem por completo. Ela parou a poucos centímetros do chão, nivelada e firme. Foi então que ele a viu.

O corpo de uma adolescente estava espremido naquele espaço. Alguém havia fechado o compartimento à força, pois ela mal cabia ali. Os membros estavam dobrados em ângulos bizarros, a cabeça apertada para baixo junto ao peito, os cortes começando a sangrar depois de liberada a pressão. Um

dos pés estava quase amputado. Ela jazia ali, congelada, e ele apenas observava, chocado demais para reagir.

Por fim, John conseguiu se virar e saiu, dessa vez sem se preocupar com o sangue no chão. Precisava chamar as pessoas treinadas para lidar com aquele tipo de situação.

– Encontrei outra garota! – gritou ele, dando início a um turbilhão de atividades.

Do lado de fora, ele desamarrou os cadarços das botas e as tirou, andou até a tenda em que havia marcado o gaveteiro e sentou-se, recostando-se nele.

– Deus, como o Senhor ainda consegue nos amar? – sussurrou John. Ele ficou em silêncio por um instante e depois clamou: – Por favor, deixe-a descansar em Sua paz!

Uma nova explosão de atividade e gritos fez com que John se levantasse, curioso. Um Puxador amigo seu entrou na tenda e o abraçou.

– John! Aquela garota que você encontrou está viva! O estado dela é muito grave, mas ela ainda vive! – O homem abriu um sorriso radiante e o abraçou outra vez. – Você é um Descobridor agora, John! – exclamou o Puxador. – Quem poderia imaginar?

John afundou a cabeça nas mãos, sentindo-se anestesiado. Se aquela era a filha de Eva, seu nascimento havia sido sofrido e brutal. Que bem poderia vir de tamanha crueldade?

# 2



## INÍCIOS

Tudo parecia explodir dentro dela. Tudo doía.

Por quê? Sua memória falhava.

Imagens se embaralhavam em sua mente. Clarões de luz penetrantes feriam seus olhos. Sons pungentes – dissonantes, violentos, aterrorizantes – aumentavam seu pânico. A respiração, acelerada e ruidosa, rugia em seus ouvidos.

Outro clarão de luz angustiante, borrões de movimento, música... cordas? Uma mulher negra se transformando em um homem moreno com uma gravata-borboleta vermelha. Informações desconexas. Ela precisava acordar. Tentou. Não conseguia.

Sua cabeça girava como um furacão em alto-mar... ondas a puxavam para baixo, prendiam-na às profundezas. Ela arfava... e tornava a ser engolida pelas águas... não conseguia respirar.

Quando a escuridão enfim a envolveu, foi bem-vinda como uma velha amiga.

Alguém se inclinou sobre ela e a acordou. Uma imagem desfocada. Uma voz distante. Seus pulmões doíam. O ar estava pesado. Líquido. As sombras pareciam encurralá-la, engolindo-a. Uma nesga de luz branca se encolheu até sumir.

Ela gritou. *O que está acontecendo comigo?* Nenhum som saiu.

Lembranças de sonhos e alucinações misturavam-se e distorciam-se, até se tornarem um espetáculo de horrores por detrás de seus olhos. Ela se encolheu, tentando se esconder, querendo sumir. Mas para onde ir? Seus gritos inúteis se transformaram em soluços.

Um pano morno na testa. Conforto. E uma fragrância pungente que ela não conseguia reconhecer penetrou seu corpo, espalhando-se pela garganta,

descendo pelo estômago, tomando todos os seus membros. O alívio era irresistível. Os sons foram abafados. A quietude a envolveu.

Ela voltou a adormecer.



Quando acordou novamente, uma conversa quebrava o silêncio nebuloso da noite.

– John. – A voz feminina era penetrante e aguda. – Esta jovem é uma anomalia. Os Curadores estão tentando descobrir suas origens, mas o código genético dela é incrível. Ninguém nunca viu nada parecido!

Um homem de voz calma e bondosa respondeu:

– Parece que o impossível e o absurdo são o playground de Deus.

A menina esforçou-se para abrir os olhos, mas foi em vão. Um peso mantinha suas pálpebras cerradas, exaurindo-a. *Por que não consigo me mexer?*

– Eles precisam de mais tempo para desvendar este mistério – disse a mulher.

– Parece que teremos tempo de sobra. A recuperação dela não será rápida – ponderou John com um suspiro. – Não entendo o que está acontecendo, Letty, mas de uma coisa eu sei: esta menina se tornou a *minha* anomalia.

Letty riu.

– Ouça só você, todo protetor e carinhoso!

Ela fez outro esforço. *Acorde! Acorde!* A dor reclamava espaço. Seu corpo pareceu perder o equilíbrio. Ela se retesou para lutar contra a sensação de estar caindo.

– Às vezes me pergunto: Por que eu? – disse John. – Por que Eva me convidou para participar disso?

– Talvez por você ter sido uma Testemunha?

– E o que isso tem a ver com esta menina?

Letty respondeu cantarolando uma melodia alegre. A sensação de desequilíbrio da menina cessou abruptamente. O corpo dela pareceu se endireitar. As vozes sumiram. Ela se sentia flutuando em uma lagoa de paz.

*Filha.* Uma nova voz chegou aos seus ouvidos, vinda de longe. *Filha.*

O perfume de ervas e flores encheu o ar. Um toque leve como pluma roçou as costas de sua mão. Quente. Suave. Tranquilizadora.

*Minha criança.*

*Minha criança?* Desta vez, quando a menina pediu que seus olhos se abrissem, eles obedeceram.

Uma mulher negra estava parada ao lado de sua cama. Ela parecia jovem e velha, majestosa e comum, delicada e forte, tudo ao mesmo tempo. Inclinou-se, plantou um beijo na testa da menina e sorriu.

A menina sussurrou: *Quem é você?* Achava que deveria falar baixo, mas ela se perguntou se teria apenas pensado na pergunta.

*Sou sua mãe. Você é a Testemunha. Venha ver!*, sussurrou a mulher sem mover os lábios. Seus dedos longos se fecharam em volta dos punhos da menina e a ergueram como se ela não tivesse peso ou não estivesse presa à cama.

*Minha mãe?* A palavra mãe trouxe à tona emoções amargas. Ela ficou confusa. Não queria ir a lugar algum.

*Venha, minha filha. Venha testemunhar a Criação, a perfeição que irá curar seu corpo ferido e sua alma!*

A menina tentou se desvencilhar da mão que a segurava com ternura, mas os dedos da mulher não a soltaram. Uma lufada de ar roçou suas faces, dando-lhe a sensação de alçar voo – e agora ela segurava firmemente aquela mão. Ao olhar para baixo, a visão a fez perder o fôlego: o corpo destruído que acabara de deixar estava preso a um emaranhado de correias, tubos e fios.

Ela se deteve e, por um instante, nada se moveu. Prendeu a respiração, sentindo-se enjoada.

*Quantas vezes posso morrer?*, pensou.

*Não, isto não é morte*, disse a mãe. *É vida. Venha ver. Prometo que não vai se decepcionar.*

E então a mão a soltou, abandonando-a.

Ela fechou os olhos com força para conter o pânico crescente. Em vez de cair, no entanto, flutuou como uma pluma. Tomada por uma onda de calor, sentiu um líquido turvo e viscoso envolvendo-a, engolindo-a. De repente, o fluido gelatinoso entrou em sua boca e ela engasgou, aterrorizada. Mas, quando notou que não sufocava, começou a relaxar.

*Estou respirando esse líquido? Impossível! Isso é loucura!*

Com os olhos arregalados, mas sem conseguir enxergar, ela se deixou le-

var. Resistiu ao impulso de procurar apoio, algo que a ancorasse no tempo e no espaço, que a prendesse à memória. Então quase se sentiu livre.

Uma paz profunda veio à tona, uma sensação de que ela não seria deixada sozinha. Alguém sabia que ela estava ali, ainda que fosse apenas a mulher de pele negra que afirmara ser sua mãe. Venha ver, dissera ela.

Mas aquele Universo era um vácuo sem forma.

Percebendo o vazio à sua volta, ela ficou ressentida. A sensação de ser enganada e abandonada num lugar estranho era dolorosamente familiar.

Flutuou talvez por um nanossegundo, talvez por um milhão de anos – era impossível saber. Não havia nada para ver.

De repente, um estrondo. Seu corpo inteiro se encolheu. A menina esticou o pescoço em direção à luz. A explosão foi instantânea e contínua, uma energia arrebatadora e um fluxo de informação que se propagava, jorrando em sua direção. Era cor. Era música. Era alegria e fogo, sangue e água. E era voz – única e múltipla, ascendente e penetrante, unindo-se ao vazio.

Caos e matéria colidiram, desencadeando fagulhas de alegria e poder, criando energia, tempo e espaço. Ao redor, seres espirituais aplaudiam o espetáculo, o êxtase emanando de suas mãos como gotas resplandecentes.

Ela se sentiu maior que uma galáxia e menor que a mais ínfima partícula. Tudo à sua volta se dilacerou e se recompôs novamente. Uma onda de vozes se ergueu, envolvendo-a numa explosão de fragrâncias. Ao redor de tudo, ecoavam três vozes – que, ao mesmo tempo, eram apenas Uma.

*A Grande Dança*, afirmou uma voz.

*É a mãe quem está falando?*, perguntou-se ela.

*Este é o supremo Início.*

A menina girou no líquido à procura da voz. Esforçando-se para encontrar a mulher, ela chamou:

– Mãe?



– Ah, finalmente acordou, pelo menos por mais de alguns segundos. Bem-vinda ao mundo dos vivos e ao Refúgio.

A voz era familiar. *John*, supôs ela. Soava firme e totalmente comum,

mas, comparada com o que tinha acabado de testemunhar, aquela “normalidade” era um pouco frustrante.

*Ótimo!*, pensou ela. *Eu morri de novo, aqui é o inferno e há um homem nele.*

Ela tentou mover a cabeça na direção dele. Então, ouviu-o gritar:

– Não faça isso!

Tarde demais. Uma dor lancinante comprimiu seu pescoço como um torno mecânico. Uma névoa surgiu nos cantos da sua visão, espalhando-se em direção ao centro. A última coisa que ouviu enquanto a escuridão caía em camadas cada vez mais cinzentas foi aquela voz comum, agora aflita, dizendo:

– E lá vai ela outra vez...



Algo suave roçou seu rosto. Um sussurro.

*O que você viu foi o útero da criação sendo forjado. O que ouviu foi a primeira concepção de todas. Agora, só nos resta aguardar a chegada da criança.*

Seus olhos se abriram enquanto o cosmos se desdobrava com uma alegria incontida.

*Quer dizer... que este é o início do mundo?*

*A primeira história de todas.* A voz era incorpórea, estava ao redor e dentro dela, em todas as partes e em lugar nenhum.

A menina observava, confusa. *O big bang?*

Como resposta, apenas uma risada. O som se uniu às outras melodias, que se misturaram numa trama de fé, esperança e amor.

O útero da criação continuava crescendo e se expandindo. Era poderoso, selvagem e bravo, embora ao mesmo tempo ordeiro e preciso.

A menina sentia fascínio e desconforto. Esperança e ceticismo. Atração e repulsa. Ela conhecia a história, e não a conhecia.

Ou conhecia?

Então, em meio a todo aquele espetáculo, surgiu uma minúscula esfera azul que girava, frágil e vulnerável.

*Aqui é o Lugar em que a gestação será consumada. Daqui nascerá a criança. E você será testemunha disso, minha filha. Você é a Testemunha da Era dos Inícios.*



As palavras pesaram em seus ouvidos, abrindo feridas dentro dela.

*Não.*

*É para você, minha filha. Um presente para você e para cada homem e cada mulher que já nasceu sob esta luz primordial.*

– Não – negou ela em voz alta. A palavra foi disparada como um dardo venenoso. – Não sou Testemunha de nada. E não quero ser.

O Universo escureceu num piscar de olhos.



Uma melodia diferente, zumbidos e cliques a trouxeram de volta. O contraste entre aqueles ruídos e as harmonias da música da Criação era decepcionante. Era como se uma cachoeira imponente tivesse sido subitamente represada e transformada num gotejar irritante em um reservatório de água parada.

Mas ela se sentia aliviada.

Alguém assobiava uma canção alegre que ela não conseguia distinguir. A menina tossiu fraco e a música parou bruscamente. Sons de passos se aproximaram.

– Então, vamos tentar outra vez? – Era a mesma voz masculina de antes. John. Mas agora ela conseguia ver seu rosto, os detalhes borrados e indistintos, como se estivesse olhando através de águas profundas. Um homem moreno, de barba curta e sobrancelhas grossas, fios grisalhos salpicando os cabelos que começavam a rarear. Os movimentos dele causaram-lhe enjoo, de modo que ela fechou os olhos mais uma vez.

Em outra parte do quarto, o cantarolar voltou.

Ele secou com cuidado as lágrimas que haviam se acumulado debaixo das ataduras que cobriam o rosto dela. A menina se encolheu diante do toque. Não conseguia mover a mandíbula, que estava imobilizada por algum tipo de armação, deixando um gosto metálico em sua boca. Lutou para engolir a saliva. Mais uma vez, viu-se à beira de um pânico claustrofóbico.

– Vá com calma. – A voz do homem que tentava tranquilizá-la apenas aumentava sua náusea. – Você deve estar muito confusa agora. Deve ter um milhão de perguntas. Se não tiver, eu tenho.

Então ele se apressou em acrescentar:

– Mas não tente falar por enquanto. Você ainda não está bem o suficiente para isso, embora tenham me garantido que é só uma questão de tempo. Se conseguir compreender o que estou dizendo, abra os olhos e pisque uma vez para sim e duas para não.

Ela piscou uma vez.

– Ah, só para eu ter certeza, essa foi uma piscada para dizer sim, correto? Não uma reação involuntária ou um erro de interpretação da minha parte, certo? Vamos de novo: pisque uma vez para sim e duas para não.

Uma pontada de irritação a fez querer fingir que estava inconsciente. Não gostava de estar presa, recebendo ordens. No entanto, obedeceu.

Uma piscadela.

– Excelente. – Ele parecia genuinamente feliz. – Ótimo. Não valeria a pena continuar tagarelando só para ouvir o som da minha própria voz, não é mesmo?



Confusa, ela decidiu piscar duas vezes. Aquilo era uma pergunta?

– Oh, desculpe! – exclamou ele. – Esta é a nossa primeira tentativa de conversa, então preciso ser mais objetivo. E se eu perguntar “sim” ou “não” ao final de toda frase que for realmente uma pergunta? Isso vai ajudar? Sim ou não?

Ela piscou uma vez.

– Ótimo. Então deixe-me começar com algumas informações básicas. Meu nome é John e você está sendo tratada na minha casa, que a maioria das pessoas chama de Refúgio. Aqui neste quarto também está a mal-humorada e pequena Letty...

– Ele quer dizer baixinha, querida – interrompeu a mesma voz feminina que ela já ouvira antes. A presença de uma mulher ali era reconfortante. – Sou mais baixa e mais velha do que ele, que tem inveja das duas coisas. E, caso esteja preocupada com isso, você está totalmente vestida e coberta, e nós mulheres é que cuidamos de você. Embora não precise ter medo de John.

Apesar da visão distorcida, ela notou que o homem sorria em direção à voz.

– Letty, pegue um banquinho e suba nele para que ela possa vê-la.

– Ainda não é necessário, John. Vim apenas conferir se está tudo bem e informá-lo de que três estranhos chegaram à nossa comunidade. Sábios, ao que parece, e vindos de muito longe. Eles querem falar com você e com ela. Isso é tudo.

O cantarolar ressurgiu, confirmando que vinha mesmo de Letty.

John virou-se para a menina.

– Você sabe como se chama? Sim ou não?

Duas piscadelas.

– Não? Humm, então suponho que também não saiba de onde vem, ou mesmo de *quando* vem. Essa não é uma pergunta, apenas uma observação.

Ela fechou os olhos, desinteressada. Queria que ele fosse embora. Queria dormir.

– Tem alguma lembrança de como veio parar aqui? Sim ou não?

Duas piscadelas.

Durante os quinze minutos seguintes, ele fez diversas perguntas. A comunicação, no entanto, era totalmente unilateral e estava se tornando frustrante e cansativa.

Não, ela não se lembrava de onde vinha nem tinha recordações de sua família. Sabia que era humana e mulher, e achou estranho ele perguntar isso.

Sim, estava sofrendo.

Isso era verdade – sua cabeça latejava no ritmo de seu coração – mas não, não conseguia mexer os dedos, mover os pés nem senti-los quando ele os tocava. Conseguia erguer as sobrancelhas, franzir a testa e piscar, mas nenhum outro movimento parecia possível.

A consciência da imobilidade trouxe uma nova onda de pânico, mas John se apressou em explicar que aquilo era necessário para sua recuperação. Isso aliviou um pouco a angústia, mas gerou outras perguntas – que ela não podia fazer.

O homem andava de um lado para outro, mexendo em várias coisas que ela podia apenas ouvir e imaginar o que seriam. Por fim, ele parou de fazer perguntas e começou a dar informações.

John chamava a si mesmo de Catalogador. Como tal, ele reunia as coisas que eram trazidas pelas marés até as praias rochosas perto da sua casa. Havia meses que a menina vinha se recuperando no Refúgio.

Segundo John, ela havia “encalhado” em uma “ilha” entre mundos, uma

vítima do que ele chamou de Tragédia – um acontecimento terrível e destrutivo. Vários escombros foram trazidos junto com ela: um verdadeiro caos feito de metal, papel, brinquedos, madeira e detritos de sua civilização e seu tempo. Todas as coisas tinham sido encaixotadas e guardadas em um depósito próximo dali. Quando recobrasse as forças, ela poderia vasculhá-las.

– Não era minha intenção encontrar você – declarou John. – Afinal, sou um simples Catalogador, não um Descobridor.

Aparentemente, Descobridores ficavam ligados para sempre a qualquer coisa que encontrassem. Pela maneira como John explicava, essa lei parecia se aplicar a todo o Universo.

Ela não gostou de ouvir aquilo. Ligada a um homem? A ansiedade se contorceu dentro dela como um lobo agitado.

Por quase uma hora ele ficou falando sobre isso; depois passou vários minutos se desculpando por ter dado a impressão de que toda aquela situação era culpa dela.

Aquela injustiça causou-lhe uma dor tão profunda quanto a provocada pelas lesões em seu corpo.

Felizmente, não demorou muito até que ela ficasse sonolenta, embalada pelo ritmo da voz dele e do zumbido constante ao fundo. Não conseguia mais acompanhar o que ele dizia; tampouco queria fazê-lo. Então se deixou levar, ansiando por mergulhar na escuridão e libertar-se de qualquer expectativa.

Sua esperança foi em vão.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)